

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
BRENO SANT' ANNA DOS SANTOS**

**A INTERIORIDADE COMO FONTE DE CONHECIMENTO
PARA SANTO AGOSTINHO**

Juiz de Fora
2023

BRENO SANT' ANNA DOS SANTOS

**A INTERIORIDADE COMO FONTE DE CONHECIMENTO
PARA SANTO AGOSTINHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Laureandro Lima da Silva

Juiz de Fora

2023

SANTOS, Breno Sant' Anna. **A Interioridade como fonte de conhecimento para Santo Agostinho.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Laureandro Lima da Silva
Orientador (UniAcademia)

Profº. Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles
(UniAcademia)

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira
(UniAcademia)

Examinado em: 06/12/2023

Dedico este trabalho aos meus pais, que são sinal de Deus em minha vida e me ajudam a cada dia a ser melhor.

AGRADECIMENTOS

Um dos sentimentos mais nobres do coração humano é o da gratidão. Ser grato é reconhecer o valor do outro, pois a nossa identidade constrói-se a partir do bem recebido, do qual o primeiro é a vida. Por isso, somos todos devedores para com aqueles que nos proporcionaram condições de vida favoráveis.

Por isso, meu primeiro agradecimento é a Deus, pois tudo é n'Ele e por Ele, e para Ele são todas as coisas.

Aos meus pais Geovani e Adriana, que me formaram no amor e sempre me incentivaram a ser uma pessoa livre e independente. E também pelo exemplo, cuidado e incentivo em todos os momentos da minha caminhada vocacional.

À minha amada Diocese de Valença e ao Seminário Diocesano São João XXIII, na pessoa de seu Bispo Diocesano, Dom Nelson Francelino, Reitor e seminaristas, por ajudar-me a corresponder a vontade de Deus para minha vida e contribuir em minha formação humana e acadêmica.

A paróquia de Santo Antônio dos Pobres na cidade de Paraíba do Sul - RJ, minha paróquia de origem, na pessoa do pároco Pe. Waldir Felipe, por todo apoio e incentivo vocacional.

À Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Paty do Alferes – RJ, local onde exerci o meu estágio pastoral durante um tempo do Curso de Filosofia, na pessoa do pároco Pe. Welder, por todo incentivo e aprendizado.

À Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Avelar, Paty do Alferes – RJ, onde atualmente faço meu estágio pastoral. Obrigado na pessoa do pároco Pe. Itamar Santos, pelo apoio, carinho e incentivo nesse tempo.

Ao estimado Prof. Dr. Pe. Laureandro Lima, orientador deste trabalho. Agradeço a paciência, a dedicação, a atenção e a oportunidade de compartilhar comigo o conhecimento e experiência que possui.

Aos professores do Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, na pessoa da coordenadora Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pela atenção, zelo e ensinamentos que, ao longo de três anos, possibilitaram-me, levando-me ao conhecimento e à construção de um pensamento filosófico.

Por fim, aos amigos, aos companheiros de curso e às tantas pessoas que com sua presença, oração e estímulo contribuíram para que esse objetivo fosse alcançado, nomeadamente meus grandes amigos, Alyson, Ana Carolina, Caio, Jefferson, Hugo,

Hudson, Caio Henrique, Rullian, Gustavo, João Vitor, Luana, Padre Gétero e Thobias pela ajuda e cooperação para a realização desse trabalho.

Todavia, não te poderias enganar de
modo algum, se não existisses.

Santo Agostinho

RESUMO

SANTOS, Breno Sant' Anna dos. **A interioridade como fonte de conhecimento para Santo Agostinho**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2023.

O presente estudo foi desenvolvido focado na interioridade presente no estudo de Santo Agostinho. Desse modo, foi pensada em uma pergunta norteadora a ser respondida no decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa, que foi: como a fonte do conhecimento pode ser a interioridade defendida por Santo Agostinho? O objetivo geral foi compreender a interioridade usada por Santo Agostinho relacionado a fonte de conhecimento. Para tanto, foram usados os seguintes objetivos específicos: entender o mestre interior e o conceito de interioridade; verificar o processo de conhecimento da alma humana; e analisar o conceito de iluminação presente na interioridade como fonte de conhecimento. A metodologia usada foi à pesquisa qualitativa, com uma abordagem qualitativa. Os resultados mostraram que interior é o lugar de encontro com a verdade e com Deus, e a fonte desse encontro, o centro do conhecimento, é transcendente, o que faz com que a alma busque em si uma força maior que ela mesma.

Palavras-chave: Interior. Alma humana. Filosofia. Iluminação.

ABSTRACT

The present study was developed with a focus on the interiority present in the study of Saint Augustine. Thus, a guiding question was thought to be answered during the development of this research, which was: how can the source of knowledge be the interiority defended by Saint Augustine? The general objective was to understand the interiority used by Saint Augustine related to the source of knowledge. For that, the following specific objectives were used: to understand the inner master and the concept of interiority; verify the process of knowledge of the human soul; and analyze the concept of lighting present in interiority as a source of knowledge. The methodology used was qualitative research, with a qualitative approach. The results showed that the interior is the meeting place with truth and with God, and the source of this encounter, the center of knowledge, is transcendent, which makes the soul seek in itself a force greater than itself.

Keywords: Interior. Human soul. Philosophy. Lighting.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A IMPORTÂNCIA DO MESTRE INTERIOR.....	13
3 CONHECIMENTO DA ALMA HUMANA.....	24
4 ILUMINAÇÃO.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Interpretar o pensamento de Agostinho (354-430) é problematizá-lo, pois é possível verificar uma singularização de ideias e interpretações que igualmente limitam a abrangência dos estudos sobre o pai da Igreja Católica do Ocidente, principalmente pelo fato dele não elaborar um sistema filosófico próprio. Seu pensamento era quase sempre em resposta aos problemas causados por seu envolvimento com as grandes questões da doutrina da Igreja de sua época.

Assim, com os mais diversos tipos de escrita como cartas a amigos e pessoas da comunidade em que trabalhava, suas falas públicas com uso de dialética e retórica às vezes apareciam como verdadeiros livros, discussões filosóficas de cunho pedagógico, artigos, teses, e outros, Agostinho tece seu pensamento sobre a jornada, sobre a vida e a obra da Igreja, procurando abordar os temas mais ricos e diversos.

Trata-se de uma forma aparentemente contraditória de reconciliar a tarefa intelectual humana com o cogito de Agostinho, uma tarefa que requer o esforço individual do conhecedor, com a teoria da iluminação. Para Agostinho, a capacidade de ver verdades inteligíveis está em nós, bastando colocá-la no lugar certo, ou seja, em relação ao mundo do ser e da alma. Portanto, é aí que o reino do concebível gera conhecimento.

Com isso, o presente estudo tem como objetivo geral compreender a interioridade usada por Santo Agostinho relacionado à fonte de conhecimento. Para tanto, serão usados os seguintes objetivos específicos: entender o mestre interior e o conceito de interioridade; verificar o processo de conhecimento da alma humana; e analisar o conceito de iluminação presente na interioridade como fonte de conhecimento.

Pensando nesses objetivos, foi elaborada uma pergunta norteadora: como a fonte do conhecimento pode ser a interioridade defendida por Santo Agostinho? Para conseguir responder e chegar aos objetivos, a metodologia usada foi a pesquisa qualitativa com foco na abordagem bibliográfica, a qual se baseou em análise de estudos publicados sobre o tema sinalizado. Ademais, foram usadas bases de dados como a SciELO, CAPES, repositórios e Google

Acadêmico para fazer a coleta de pesquisas científicas desenvolvidas nessa perspectiva. Além de trabalhos sobre Santo Agostinho, também foram usados alguns de seus livros como: Confissões, Contra os acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma, O Mestre, A Cidade de Deus e O Livre-Arbítrio.

O presente estudo foi desenvolvido por seções, as quais trazem aspectos relevantes para o tema aborda, as quais são: introdução; desenvolvimento, que foi dividido em mais três subseções, o mestre interior, o conhecimento da alma humana e a iluminação; considerações finais e referências. As quais serão destacadas mais adiante, exceto a supramencionada.

Com esta pesquisa de cunho monográfico, não se pretende esgotar o campo estudado, haja vista que, trata-se de um primeiro passo nesta linha acadêmica, deste modo, este servirá muito mais de um aporte estimulador para buscas e questionamentos maiores e ainda podendo ocorrer reformulações mediante a aprofundamentos no decurso desta caminhada intelectual.

2 A IMPORTÂNCIA DO MESTRE INTERIOR

Pereira (2017) explica um pouco sobre a vida de Aurélio Agostinho, mais conhecido como Agostinho de Hipona (354-430). Ele nasceu e passou parte de sua vida no Norte de África. O seu processo de conversão e o primeiro ano do seu batismo decorreram na Itália. Nesses processos, o bispo Ambrósio de Milão teve um papel muito importante. Após a morte de sua mãe, Christian Monique, Agostinho voltou para a África, local no qual logo foi ordenado sacerdote e, em seguida, foi nomeado bispo da cidade de Hipona. Como bispo, defendeu a ortodoxia da religião cristã, combatendo diversos movimentos, considerando-os rejeitadores da fé, como o Maniqueísmo, o Donatismo e o Pelagianismo.

Agostinho não foi somente o homem que lutou pela fé cristã, foi pensador, teólogo e pregador. Ele escreveu muitos sermões e os pregou diante da congregação de Hipona. Nesses sermões, tornou possível estabelecer e sustentar uma doutrina que ainda estava em processo de formação e amadurecimento. Nesse sentido, é chocante defender a religião de uma entidade mutável e instável (PEREIRA, 2017).

Por outro lado, não apenas em sermões, mas também em outros escritos como cartas, diálogos, filosofias, credos, apologéticas, escrituras e outros este teórico procurou elucidar seu pensamento). Pereira (2017) acredita que Agostinho teve que refletir sobre muitas questões sobre a fé cristã. Neste sentido, ele se dedica com afinco ao estudo do problema da Trindade, sendo assim, ele colabora com a Igreja ao aprimorar a doutrina da Trindade, esta que afirma que Deus é de natureza divina, ou seja uma única natureza e três pessoas Pai, Filho e Espírito Santo. Agostinho não foi o primeiro a refletir sobre a Trindade. Antes, e mesmo depois dele, outros fizeram. Entretanto, em seus escritos, este assunto possui singular abordagem.

Para Agostinho o qual é um filósofo fortemente influenciado por doutrinas como a platônica e neoplatônica, parece haver evidências de que uma pessoa pode ser autodidata; ou seja, parece que, de acordo com o aspecto pedagógico de seu pensamento, pode-se aprender por autodescoberta. É importante ressaltar que segundo Vicente; Pinto (2021), as pessoas precisam compreender que quando Agostinho afirma que "a verdade

está no homem", como pode ser verificado no livro: Confissões, por exemplo, isso não significa que a verdade seja o homem ou que ele seja igual a essa verdade; ela se encontra está nele, mas não está.

Como destacam Vicente; Pinto (2021), quando uma pessoa analisa com atenção e cuidado as ideias de Agostinho, percebe que esse tipo de aprendizado se torna algo difícil e quase impossível, essa dificuldade não se deve à incompetência do homem, mas é fruto do pecado, que são realmente obstáculos que o impede de manter a sua vontade à luz da razão.

É por isso que, para Agostinho (2008), quando se trata de ensinar, os **mestres** não podem ser dispensados. Todos podem e devem buscar informações, mas essa busca pode ser muito bem feita por verdadeiros gestores, para que a informação possa, de fato, ser obtida, em outras palavras, que o aluno entenda que **a verdade está em sua alma**. Portanto, os verdadeiros mestres usam seu trabalho com o sentido de esclarecer essa verdade à alma do aluno, para que ele a veja com clareza. Esses mestres certamente mantinham uma relação intrínseca de ensinar e aprender, como entendia Agostinho.

Nesse sentido, Vicente; Pinto (2021) apresentam, que essa relação pressupõe que não só o ato de aprender prioriza o ensino, mas também o ensino promove a aprendizagem. Em outras palavras, isso significa: o professor ensina a alguém que quer aprender, este, o que quer aprender, faz por meio de alguém que é responsável por ensinar. Assim, essas perspectivas de ensinar e aprender são vindas de dois momentos relacionados de modo intrínseco.

Essa relação pode ser notada por meio da análise do livro **O mestre**, contudo, também pode ser visto este método no diálogo de Sócrates com o propósito de estimular Adeodato a refletir. Vicente; Pinto (2021) mencionam que para obter conhecimento, por exemplo, não se pode distinguir a linguagem, os símbolos ou mesmo a percepção do mundo, mas não se pode esquecer, em hipótese alguma, que é também pela introspecção que se obtém verdadeiramente o conhecimento.

Essa dinâmica se coaduna com a teoria de iluminação desenvolvida por Agostinho, que será analisada e mais detalhada em outra seção. Porém, é possível ressaltar que a percepção de qualquer nova verdade significa não

apenas que algum sinal ou palavra a provoca, mas também uma intervenção divina direta e efetiva que nos ocorre como uma luz próxima. Para Agostinho, portanto, o homem não precisa abrir mão de si mesmo para alcançar a verdade, pois ela se encontra nele mesmo (VICENTE; PINTO, 2021).

Além disso, Agostinho (2008) acredita que ao reduzir a linguagem à materialidade e exterioridade para conseguir revelar a interioridade, a beleza do universo não pode ser vista pela alma que se envolve em múltiplas coisas e se limita na mísera avidez, a qual só se evita quando se desapega da multiplicidade. Nesse sentido, lemos que:

[...] não me refiro à multiplicidade de homens, mas de todas as coisas que os sentidos atingem. E não se admire de que tanto mais pobre é quem mais coisas deseja ter. Como, por exemplo, numa circunferência, por maior que seja, há somente um ponto central, o que é denominado pelos geômetras de centro, para onde convergem todos os demais pontos da circunferência. E embora as seções de toda a circunferência possam ser indefinidamente cortadas, nada há além daquele único ponto central em relação ao qual todos os demais são equidistantes, o qual denomina a todos os outros, por assim dizer, com certo direito de igualdade. E, então, se se quiser sair em direção a qualquer parte, tanto mais se abandona tudo quanto mais se caminha para uma multiplicidade de coisas (AGOSTINHO, 2008, p. 162).

O mesmo ocorre com o espírito, que ao se dispersar, se vê rodeado de múltiplas coisas e enganado pela pobreza real, que segundo Agostinho (2008) é quando ele se vê impedido pela própria natureza de buscar a unidade do centro e a multiplicidade de coisas não permite que se encontre.

Ribeiro (2007) acrescenta que para Agostinho, está em nós a capacidade de ver verdades inteligíveis, basta dirigi-la na direção certa, ou seja, para o mundo da alma. O interior é, portanto, o lugar no qual a esfera do entendimento é dada à informação. Embora toda a beleza e perfeição da ordem cósmica criada por Deus possam ser vistas, o conhecimento das verdades eternas vem através da interioridade consciente. Agostinho (2008) sobre esse aspecto ressalta o seguinte:

Nem Platão errou ao dizer que existe um mundo inteligível, se desejamos nos referir à sua realidade e não ao vocábulo mundo que, na linguagem da Igreja, não assume jamais aquele significado. De fato, Ele denominou mundo inteligível a mesma eterna e imutável razão com a qual Deus criou o mundo. Quem nega a existência dele deve, por coerência, admitir a irracionalidade da ação criadora de

Deus, ou reconhecer que Deus, seja no momento da criação, seja precedentemente, não soubesse aquilo que fazia, visto que não havia nele a razão como critério de seu agir. Se, ao contrário, havia nele, como na realidade havia, parece que Platão chamara tal realidade com a expressão “mundo inteligível”. Não teríamos usado, porém, tal denominação, se já fôssemos versados suficientemente na literatura eclesiástica (AGOSTINHO, 2008, p. 157, grifo do autor).

O mundo inteligível tem relação direta com o mundo em que Deus coloca seu reino. Além de colocar esse local nessa esfera, também pontua que entre as coisas inteligíveis se encontra a alma, no qual não se limita apenas as verdades inteligíveis, mas também as imutáveis. Como afirma Agostinho (2008):

“Sou de opinião que (a alma) traz consigo todas as artes, e o que se chama aprender nada mais é do que recordar” (cap. XX, n. 34), não deve ser entendido como se deduzisse que a alma viveu aqui alguma vez ou em outro lugar, seja no corpo, seja fora do corpo; nem como se tivesse aprendido em outra vida, ao responder o que lhe foi perguntado, o que não aprendeu aqui. Pois pode acontecer, como já o dissemos anteriormente nesta obra, que isso ela o pode, porque é inteligível (Retratações, IV, 4) e se une não somente às coisas inteligíveis, mas também às imutáveis, visto ter sido criada de tal modo que, quando se dirige às coisas às quais se uniu ou para si mesma, pode responder certo acerca de tais coisas à medida que as vê. Sem dúvida, não trouxe consigo desse modo todas as artes e nem as possui consigo; pois ela não pode falar, se não aprende aqui e também, a respeito das artes que se relacionam com os sentidos do corpo, como muitos assuntos da medicina, como todos os da astrologia. Mas tendo sido devidamente interrogada por si mesma ou por outra pessoa, responde pela recordação o que somente a inteligência é capaz de compreender pelas razões que aduzi (AGOSTINHO, 2008, p. 257 grifo do autor).

Ainda tratando da alma, Agostinho (2008) menciona que ela possui questões importantes de serem lembradas, que são: derivação da alma; a qualidade ontológica da alma; a grandeza da alma e outras. A alma, para ele, tem o livre-arbítrio, e não cabe a outrem se cegar com coisas vãs e sacrílegas, visto que essa liberdade foi pontuada e proporcionada de forma que não perturbasse a ordem e a lei divina.

Ademais, é possível verificar que a teoria da iluminação divina tem um caráter verdadeiramente cristão e inovador, pois contém conceitos essenciais não concebidos anteriormente pelos gregos e seus discípulos. Ribeiro (2007) fala que para Agostinho, o interior é o lugar de encontro com a verdade e com

Deus, e a fonte desse encontro, o centro do conhecimento, é transcendente, o que faz com que a alma busque em si uma força maior que ela mesma.

Agostinho usava uma frase de suma importância para a compreensão do mestre interior “Não vá para fora, volte-se para dentro de si mesmo” (HATT, 2015, p.14). No homem interior mora a verdade. Com isso, é no homem interior que se encontra tudo que o ser humano precisa, ou seja, no seu interior, da dileção e da vontade, no lugar de penetração da memória, da razão, e segundo Ribeiro (2007), o filósofo acreditava nisso, pois é o local em que Deus está presente e existe a oportunidade de consultá-lo.

Assim, Deus não é apenas algo que desejamos ver e conhecer, mas Ele é o poder por trás da capacidade de entender tudo. Deus é a luz interior que ilumina a mente e a capacita a ver a verdade inteligível de dentro para fora, essa era a teoria de Agostinho (RIBEIRO, 2007).

Contudo, buscamos focar na forma como Agostinho tentou mostrar que há um desejo de retorno dos seres vivos ao seu estado original e ao seu Criador. Afinal, o que todo ser vivente deseja e busca é encontrar a felicidade, a perfeição e uma vida feliz, mas essa busca não é de forma alguma uma busca cega. Não basta acreditar que Deus está presente na criação e crer Nele. É necessário que a alma entenda o que ela busca, seu lugar na criação e entenda como a criação depende de seu Criador (RIBEIRO, 2007).

O mundo interior, segundo Ribeiro (2007), é um mundo de meditação, silêncio e oração. Em que as experiências pessoais são desenvolvidas através da dimensão espiritual da reflexão e da transcendência. No espaço interior, a matéria adquire massa, profundidade, duração e significado.

Para Vicente; Pinto (2021), a busca da verdade requer a orientação de um **mestre** que possa criar as condições adequadas. Por outro lado, esse sujeito trabalha com a ajuda de um mestre interno, e sem a ajuda dele o aprendizado simplesmente não aconteceria.

Para Agostinho (2008), o verdadeiro mestre - senhor de tudo - não está na terra, mas no céu. Como pode-se verificar:

Mas em outra ocasião, se Deus o permitir, trataremos de toda a utilidade das palavras que, se bem considerada, não é pequena. Por ora, adverti a ti que não atribuíssemos às palavras importância maior do que a necessária, para que não somente creiamos, mas também comecemos a compreender quão verdadeiramente está escrito sob a

autoridade divina, que a ninguém chamemos de mestre na terra, porque o único mestre de todos está nos céus (AGOSTINHO, 2008, p. 414).

Portanto, para ele, a verdade não é oferecida ao indivíduo pelo mestre externo ou pelo professor humano, e sim pelo mestre interior como uma bênção concedida a ele. Como já foi dito, não há aprendizagem sem a intervenção do professor interior que, para além de ser o único que realmente ensina, é também o único disponível e permanentemente disponível para todos (VICENTE; PINTO, 2021).

Ademais, é importante destacar que o mestre humano só precisa cumprir efetivamente seus deveres, o que não significa necessariamente ensinar seu aluno corretamente, mas orientá-lo com todo o cuidado e atenção possível para encontrar seu conhecimento interior, pensar e identificar a verdade (VICENTE; PINTO, 2021).

Ao pontuar sobre o A Trindade, Pereira (2017) considera o que foi escrito entre 399 e 420, é uma das obras mais influentes de Agostinho, não só na teologia, mas também na filosofia. Embora o título do livro indique um estudo da Trindade, pode ser dividido em três partes principais, de acordo com seu tema geral. Para começar, os livros 1 e 4 fornecem uma justificativa bíblica para a doutrina da Trindade.

Pelo que é possível verificar, não há na teoria de Agostinho divisão direta entre teologia e filosofia. É por isso, por exemplo, que ele entende o espírito humano como a imagem da Trindade ou a imagem de Deus. Além disso, outra discussão da trindade, que vem da análise e compreensão racional do problema da geração e encarnação do Filho, é o que Agostinho chamaria de *verbum in corde* (PEREIRA, 2017).

Além disso, para Agostinho, a mente humana é dominada pela metáfora da trindade, ou seja, o que ilumina a mente humana é o Cristo, mestre interior e *Verbum Dei*. Logo, Cristo é a luz que ilumina a mente e faz com que o homem chegue ao conhecimento da verdade (PEREIRA, 2017).

Ademais, Silva (2021) faz uma análise sobre o mestre interior, contudo, antes de entrar nessa temática, é importante compreendermos o inatismo agostiniano. Essa discussão é importante para entender como funciona a aquisição do conhecimento e se a linguagem desempenha um papel nessa

oportunidade. Após esta introdução, voltaremos à questão da metáfora do Mestre interior, como constatação metafísica revelada pela metáfora agostiniana. Para entender os limites da linguagem em Agostinho, devemos considerar como base a relação entre nomeação e comunicação. No entanto, para entender melhor essa relação, é necessário formular alguns conceitos como aprendizagem, compreensão e mestre interior.

Nesse contexto, Silva (2021) aponta que há dois períodos importantes a serem distintos. O primeiro é a construção da doutrina, ou seja, não existe um sistema fechado de pensamento em Agostinho. Nesse espírito, o autor sugere que é possível que Santo Agostinho tenha defendido um conceito de memória semelhante ao de Platão, já que as palavras lembrar e esquecer são usadas, sem mostrar qualquer coisa contra o que está incluído na doutrina de Platão.

Desse modo, não há outras ressalvas ou dados na visão de Platão sobre a pré-existência da alma. Portanto, a alma carregará tudo dentro de si, e a lembrança e a ocorrência surgirão apenas por meio desse pensamento. Silva (2021) considera que o segundo período é um símbolo filosófico preexistente da marca de Platão de se libertar do conceito da existência da alma. Nesse caso, o inatismo não está sob a égide da alma existente, pois não possui em si a totalidade do conhecimento.

Um ponto essencial para sinalizar essa teoria é que não existem conhecimentos como medicina, engenharia ou astronomia que usam memória. Isso só pode ser feito por meio da lógica, ou seja, com conceitos como a geometria ou a natureza de Deus. Portanto, confirme-se, no argumento agostiniano, que Platão se enganou na necessidade da pré-existência, mas não pensou por que o homem encontra essa verdade em si mesmo. Assim, Agostinho acredita que a alma não faz para si a verdade, pois segundo ele, como pontua Silva (2021), a alma é temporal e não é capaz de criar algo que não seja temporal.

Desse modo, Silva (2021) menciona que se os pensamentos de alguém têm a intenção de criar a verdade, Agostinho entendeu a verdade de muitas maneiras. Quando entendido em seu sentido mais estrito, corresponde a Deus e à Segunda Pessoa da Trindade, a comunicação entre os espíritos torna-se misterioso, já que não é possível ver o conhecimento que está no outro e o outro não pode ver o que está em nós.

Para Pereira (2017), o conhecimento epistêmico precisa de uma estrutura metafísica, razão pelo qual Agostinho recorre ao inatismo para responder à transmissão do conhecimento conceitual e empírico mesmo sem uma alma existente e uma alma criativa. O inatismo mostra que a verdade é encontrada, não criada, ou seja, a verdade é encontrada por consenso. Desse modo, é possível uma pessoa no Japão e no Brasil entender a mesma sentença numérica sem que as palavras armazenem informações sobre ela.

Com isso, a linguagem não conta com um papel simples, mas a confusão surge de sua natureza. As palavras da boca do mestre só permitem que ele busque dentro do que já tem, pois não está tentando aprender o pensamento do mestre, mas o próprio conhecimento. O Mestre usa palavras apenas para ajudar o aluno a encontrar verdades dentro de si (SILVA, 2021).

A diferença entre o inatismo de Santo Agostinho e o de Platão é que o pensamento encontra o inteligível em vez de criar. Platão está certo ao observar que a alma descobre a verdade dentro de si, mas concluiu erroneamente que ela se lembra da verdade como uma memória do passado. No agostinianismo, lembrar é sobre o presente e não sobre o passado. Sendo assim, Silva (2021) acrescenta que o inatismo, naqueles casos em que o indivíduo ainda não tem conhecimento, trabalha constantemente, ou seja, o mestre interior, que é Cristo, possibilita compreender o que ainda não está na mente.

O inatismo não aparece imediatamente no nível dos sentidos ou do conceito. Levando em consideração que segundo Silva (2021), no primeiro nível, embora venha de dentro, tem um conteúdo representacional que vem de certa forma dos sentidos. Além disso, o segundo nível não surge imediatamente, pois Deus não proporciona ideias antecipadamente para explicá-las mais tarde. Mas, por exemplo, a alma e Deus podem ser compreendidos pelo intelecto, com isso, o autor ressalta que ao pensar percebemos Deus como a fonte da verdade, que ali ele nos ensina, e que ali pensamos.

Inicialmente, pode-se dizer que no ensinamento de Agostinho está presente o inatismo, já que a alma conhece através do corpo tudo o que pertence à ordem dos sentidos e o que pertence ao pensamento dele mesmo. Noutro sentido, é possível concluir que todo conhecimento, seja seu objeto

corpóreo ou incorpóreo, assume um elemento inato, porque é verdade, e toda verdade é avaliada por dentro, por um mestre interno. Segundo a doutrina de Agostinho, o inato não é um dom original dado definitivamente à alma, já que o verdadeiro conhecimento vem de dentro e não de nós, isto é, de trás dos palácios da mente. Nesse sentido, pode-se dizer:

[...] que todo conhecimento, cujo objeto seja de natureza corporal ou incorporeal, implica um elemento inato no agostinianismo, porquanto tal conhecimento é uma verdade. O inatismo, aqui em questão, não é um dom original concedido à alma de uma vez por todas; ele significa simplesmente que, em todo conhecimento verdadeiro, reencontra-se um elemento cuja origem não está nem nas coisas nem em nós mesmos, mas numa fonte mais interior que o nosso próprio interior (GILSON, 2006, p. 158).

Assim, pode-se mensurar que surge do homem e provém dele, por mais que esteja lá. Para acessar a verdade, é necessário ir além dos sentimentos sensíveis e corporais. Silva (2021) considera que é justamente nessa transcendência que o conhecimento é adquirido por meio de algo anterior, por meio de um mestre interno, mas que pode não existir no buscador.

Com isso, é a partir do mestre interior, Cristo, que se pode compreender o inatismo, portanto, é necessário entender a teoria do conhecimento para posteriormente entender o motivo de Deus ser o ponto de partida razoável justificável no compartilhamento de saberes entre indivíduos, em razão da linguagem não veicular ideais (SILVA, 2021).

Segundo Silva (2021), o pensador que inaugurou esse pensamento de unir a fé e a razão foi Agostinho, pois a fé precisa da clareza da mente, mas a razão precisa também dos estímulos e impulsos da fé, como visto anteriormente. A fé procura e a sabedoria descobre, mas, embora acreditasse que a fé era a primeira condição para chegar a Deus, o bispo Hipona não ignorou a importância da razão para adquirir conhecimento. Portanto, o objetivo principal de sua epistemologia é encontrar algum tipo de verdade plausível, pois só assim se pode chegar a confirmação maior que é Deus.

A verdade inicial é que o homem existe, vive e compreende. Para chegar a esta afirmação, no diálogo entre Santo Agostinho e Evódio, pergunta-se se o homem existe ou se teme ser enganado ao saber de sua existência. Ele disse que o ser humano não é capaz de cometer erros se eles não existirem. É então

revelado que se uma pessoa existe, então também está vivendo, porque a existência não seria vista sem a centelha da vida. Por fim, é enviada a terceira verdade; compreender-se, porque o pensar permite compreender a vida e a existência. Como é possível verificar no seguinte diálogo entre Agostinho e Evódio:

Ag. Assim, pois, para partirmos de uma verdade evidente, eu te perguntaria, primeiramente, se existes. Ou, talvez, tema ser vítima de engano ao responder a essa questão? Todavia, não te poderias enganar de modo algum, se não existisses.

Ev. É melhor passares logo adiante, às demais questões.

Ag. Então, visto ser claro que existes — e disso não poderias ter certeza tão manifesta, acaso não vives? É também coisa clara que vives. Compreendes bem, que há aí duas realidades muito verdadeiras?

Ev. Compreendo-o perfeitamente.

Ag. Logo, é também manifesta a terceira verdade, a saber, que tu entendes?

Ev. É claro.

Ag. Qual dessas três realidades (existir, viver e entender) parece a ti a mais excelente?

Ev. O entender.

Ag. Por que te parece assim?

Ev. Por serem três as realidades: o ser, o viver e o entender. É verdade que a pedra existe e o animal vive. Contudo, ao que me parece, a pedra não vive. Nem o animal entende. Entretanto, estou certíssimo de que o ser que entende possui também a existência e a vida. É porque não hesito em dizer: o ser que possui essas três realidades é melhor do que aquele que não possui senão uma ou duas delas (AGOSTINHO, 1995, p.3-7).

O ceticismo acaba sendo autodestrutivo, levando em consideração que ao mesmo tempo em que tenta negar a verdade, acaba sendo verdadeiro, pois se eu duvido, também estou aí e estou seguro de mim, assim, só é possível ter a certeza do pensar pelo fato de duvidar. A existência e a vida só podem ser compreendidas através do pensamento. Esta versão está em um nível superior porque narra duas outras declarações. Com isso, Silva (2021) considera que pode-se observar essa estrutura real no processo de aquisição de conhecimento descrito por Agostinho. A matéria no nível do confinamento existe através dos sentidos, no nível da vida, a alma. O processo de conhecimento humano começa de dentro para fora.

De acordo com Silva (2021), embora a sensação seja um elemento da alma, o corpo é necessário para poder se expressar. Mas ele é inativo e apenas a alma é ativa, desse modo, o corpo é apenas um veículo usado pela

alma para ganhar experiência. A alma trabalha, porque ela cria sentimento e conhecimento. Além disso, Santo Agostinho fala de duas luzes no homem, a primeira é natural, para os sentidos externos, já a segunda é espiritual, para os sentidos internos. Cada uma delas coleta informações individualmente, já que por dentro e por fora, objetos diferentes podem coletar informações de maneiras diferentes. Nesse sentido, Agostinho acredita:

[...] que o homem (corpo e alma) é ser individual, o que resulta ser as duas luzes (dos sentidos externo, enquanto meio ou instrumento, e do sentido interno — a alma) diferentes para cada indivíduo, pois se assim não fosse, pelos sentidos externos, os olhos, por exemplo, “eu não poderia ver pelos meus olhos o que tu não visses [...]. Por esse fato é evidente que teus sentidos são apenas teus, e os meus apenas meus”. Da mesma forma ocorre com o sentido interior: a sensação provocada por um mesmo alimento, por exemplo, não causa a mesma sensação em duas pessoas (COSTA, 2018, p. 28).

Porém, quando se busca alcançar verdades universais, e não a uma em particular, é necessário ir além dos sentidos, ou seja, somente a iluminação, por meio do mestre interior e do conhecimento da mente, pode acessar o conhecimento sobre a natureza do universo. Esse argumento faz sentido, pois a filosofia de Santo Agostinho, tem uma forma de entender que vai de Deus ao sujeito. Desta forma, ele responderá satisfatoriamente aos cétricos e criará unidade de pensamento. Assim, Silva (2021) menciona que Cristo, nesse sentido, será o responsável pelo ensinamento que acontece no interior dos indivíduos. Mas para entender como o mestre interior nos faz compreender o conhecimento empírico e conceitual, continuaremos a investigar analisando os ensinamentos de Santo Agostinho sobre a iluminação em outra subseção.

3 CONHECIMENTO DA ALMA HUMANA

Rodrigues (2019) considera que a ideia de Deus é um conhecimento universal e essencialmente indissociável da alma humana, pois, em sua opinião, Deus é o criador da alma. Segundo a compreensão cristã, o ato divino cria o homem perfeito: corpo e alma como um só sujeito. Portanto, o corpo humano, mesmo morto, não pode ser desprezado ou desvalorizado. Assim, a ideia da separação da alma e do corpo é um grande erro no entendimento agostiniano.

Portanto, de acordo com Rodrigues (2019), a vida física não pode ter apenas um significado reduzido, como o pensamento de Platão sobre o corpo como prisão da alma. É por isso que se acredita que Agostinho conseguiu superar a visão dicotômica dos gregos, segundo a qual a alma era boa e a carne má. Com isso, a supremacia da alma humana racional era uma teoria defendida por Agostinho, que era justamente a supremacia do espírito sobre o corpo. Sendo assim, Deus teria criado a alma para governar o corpo e direcioná-lo para fazer o bem.

Segundo Rodrigues (2019), compreender a união da alma com o corpo não é tarefa fácil, mesmo para uma pessoa pensante. Questionado por seu aluno Evódio sobre a natureza da alma, Agostinho procurou explicar o assunto detalhadamente pelo método socrático, por meio de uma série de perguntas e respostas, respondendo gradativamente às perguntas, encontradas em seu livro *A grandeza da Alma* (2008).

Agostinho não pretende ser um especialista neste assunto, mas é um estudante curioso e questiona o mistério que, a seu ver, é o que iguala a Deus. A única certeza é que a alma foi desenvolvida por Deus, só que Rodrigues (2019) considera que ele não sabe exatamente o que a criou. Quanto à origem da alma, Agostinho não concordava totalmente com Platão, pois pensava que apenas as almas de Adão e Eva foram criadas por Deus.

Assim, as outras almas são liberadas dessas figuras bíblicas iniciais. Portanto, a alma nasceu corrupta, pois as primeiras pessoas foram pervertidas, e agora todas as almas são herdeiras da natureza caída, conceito que também é conhecido como pecado original. Para Rodrigues (2019), uma vez que Deus é aquele que criou a alma, a questão permanece sobre como ele a criou. Será

que as almas existem nas coisas, mas são passadas de geração em geração pelos pais? O filósofo pensou assim por algum tempo, mas finalmente acreditou que as coisas espirituais podem vir dos aspectos materiais.

De acordo com Rodrigues (2019), partindo dessa perspectiva anterior, Agostinho não compartilha do entendimento de que é material, pois não tem largura, nem profundidade, nem massa. A alma é a parte intangível do ser humano que preenche todo o corpo, dando-lhe vida e inteligência. Ele afirma que é real, mas não consegue explicar em detalhes o que seria esse real, dando a esse assunto mais um dos mistérios de Deus, visto que é ineficaz para provar tal afirmação.

No entanto, ele acredita que a alma é o todo de todas as partes do corpo que são consideradas em conjunto e o todo de cada parte é considerado individualmente, pois é inextenso por definição. Em relação a composição da alma Agostinho pontua que ela não conta com nenhum dos quatro elementos **água, fogo, terra e ar**, por isso é constituído de corpo e alma, distinção introduzida pela teologia de Santo Agostinho (RODRIGUES, 2019).

Agostinho se baseia na ideia de Platão de que a alma humana é parte da razão que move e governa o corpo. A alma, nesse sentido e segundo Rodrigues (2019), é algo que vem do corpo, mas não cresce no corpo, pelo contrário, faz com que o corpo cresça. Com isso, Agostinho foi responsável por produzir textos que não vão de encontro com o platonismo, vejamos:

Porque o homem não é só corpo ou apenas alma, mas o que é constituído de alma e de corpo. Esta é a verdade: a alma não é todo o homem, mas é a melhor parte do homem; nem todo o homem é o corpo, mas a porção inferior do homem; quando as duas estão juntas, temos o homem (RODRIGUES, 2019, p. 11).

Desse modo, é possível verificar que Agostinho foi influenciado por Platão de forma profunda. No entanto, existem muitas diferenças entre as duas visões, por exemplo, a questão do corpo. Santo Agostinho derrotou a desvalorização do corporal, muito importante no platonismo e no neoplatonismo. Assim, o corpo é uma matéria, uma criação de Deus, portanto é bom (RODRIGUES, 2019).

Isso está na mesma esteira do entendimento de Platão de que o homem é uma alma com um corpo. No entanto, para Rodrigues (2019), contradiz

completamente a ideia de que o corpo é a prisão, ou mesmo a sepultura da alma. Pelo contrário, ele considerou heresia, pois afirmava que a carne não é a sua prisão, mas a corrupção do seu corpo. Seu corpo, Deus o fez bom, porque é bom e quem quer livrar o corpo da forma humana é louco.

O que Santo Agostinho considerava prisões eram os vícios, as fraquezas e as tentações, pois, segundo ele, é aqui que mora todo o sofrimento e a ansiedade de uma pessoa. Portanto, a libertação da alma é um princípio importante para a vitória do espírito. Desse modo, Rodrigues (2019) ressalta que para Agostinho, todo pecado ou mau comportamento nasce do desejo de ter alguma coisa ou do medo de perder o que se tem, e quer o sentimento resida na alma presa no pecado, e não do corpo. A alma é considerada uma substância racional desenvolvida para dominar o corpo.

Para Agostinho, foi dentro de si que a alma aprendeu, em seu interior. O que ele não é, ele pode entender ou pensar, mas não sabe, e é assim que está acostumado. Ele também diz que a alma traz todos os poderes, e que o que chamamos de aprendizado é apenas uma memória, porque a alma traz todo o conhecimento (RODRIGUES, 2019).

Porém, ele contesta a teoria da memória de Platão ideias inatas, pois ao insistir que a alma traz todo conhecimento, ele se apoia na ideia de luz, ou seja, todas as verdades, inclusive as naturais, já foram declaradas por Deus e da alma quando foi criada. Portanto, ele não acredita que a alma seja eterna, como pensa Platão, pois acredita que Deus é eterno. Assim, Rodrigues (2019) acredita que quando Agostinho questiona sobre como a alma atua e conhece após ser separada do corpo, sendo esse um questionamento constante no pensamento católico e cristão por séculos, no entanto, sem obter respostas para o filósofo africano que considerava esse aspecto um mistério a luz da fé.

No entanto, Agostinho acredita que a alma retém as experiências que foram criadas durante o tempo em que esteve ligada ao corpo, e que todas as emoções são ações da alma que lhe dá o prazer e as paixões que sente. Desse modo, Rodrigues (2019) pontua que ele acredita que todo nosso conhecimento vem de nossas sensações, já que o sentimento é isso, o entendimento é da alma, e é a alma que pensa inteligivelmente através da mente. Portanto, a mente traz entendimento, mas sem significado.

Rodrigues (2019) ressalta que o animal também sente, mas não sabe isso. Desse modo, só é possível expandir o que se vê ou o concebemos pelo que vemos. Fazendo com que os objetos sensíveis não sejam necessários, eterno e nem imutáveis, pois são todos mutáveis, fugazes e contingentes.

Nessa perspectiva, para entender esse tema em Agostinho, é preciso entender que seu objetivo não é dar todas as respostas sobre a alma, mas mostrar que a alma é algo, ou seja, é diferente do corpo. Esse aspecto perseguiu Santo Agostinho em razão do materialismo, que conheceu e que seguiu na infância. Portanto, segundo ele, distinguir entre a alma e o corpo é explicá-los para que saibam que sua essência não está conectada (RODRIGUES, 2019). Ademais, Tomás de Aquino foi outra figura igualmente escreveu sobre as ideias do bispo de Hipona, já que seus pensamentos sobre a influência especial eram influenciados por Platão e Aristóteles.

Costa (2018) ressalta que Agostinho prefere usar *animus* para se referir à alma humana - nas obras encontramos a alma racional - e a *anima* à alma animal - nas obras encontramos a alma animal ou almas sensíveis. Agostinho partiu da ideia de que cada pessoa contém uma alma, a única distinção feita é um tipo de classificação que se refere às características de cada tipo de alma. O que pode ser afirmado na seguinte menção de Agostinho:

[...] E se, aqui, deveras agitados, tivessem me perguntado, se acaso eu não pensava que também a alma da mosca era superior a esta luz [luz solar], eu lhes teria respondido: certamente. E o fato de a mosca ser pequena não me aterrorizaria. Antes, sustenta a minha ideia o fato de que ela possui vida (AGOSTINHO, 1996, p. 4).

É essencial destacar que essa distinção de termos *animus* e *anima*, pois, no português a palavra alma pode ser vista das duas formas. Ademais, Agostinho usou a palavra espírito para descrever a parte da alma que separa os humanos dos animais. De acordo com esta definição, podemos considerar que o filósofo se refere à parte racional da alma, esta é a inteligência que definirá a pessoa (COSTA, 2018).

Além disso, a palavra mente ou pensamento foi usada por Agostinho para descrever a primazia da alma racional. A introdução desse novo conceito foi necessária à medida que o preconceito de Agostinho na argumentação aumentava. Para o filósofo como pontuado por Costa (2018), cada parte da

alma contém suas próprias características específicas, no entanto, Agostinho proporciona ao homem a capacidade de apreender ou vincular o inteligível.

Assim, para Agostinho, pensar é um ato ligado à capacidade de compreender a introspecção. Este verbo vem de *mens*, a parte racional da alma. Segundo os filósofos medievais, só podemos meditar sobre coisas inteligíveis porque elas são da mesma natureza da alma humana, ou seja, nossa mente apreende apenas o que é semelhante a ela (COSTA, 2018).

Nesse sentido, Costa (2018) menciona que o uso desta palavra é amplamente utilizado no livro *A Trindade de Agostinho*. A obra é a tentativa de resolver o problema da Trindade, já que de acordo com o catolicismo, Deus é uma pessoa trina, consistindo do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Essa suposição só faz sentido quando se aceita que Jesus Cristo, é Deus e, no entanto, os adversários de Agostinho não entendem como um ser pode ser um e ao mesmo tempo ser pai e filho.

Ademais, Maia (2019) relata como é dada a diferenciação entre alma e corpo por Santo Agostinho, o autor se dirige inicialmente ao que é posto pelo analisado em suas reflexões profundas voltando-se a natureza da memória presente na obra *Confissões*. No segundo momento da obra Agostinho faz uma análise em relação a origem da ideia de existir um Deus embutido na sua memória, por isso ele se questiona: Quem é Deus? Por isso a memória não aparece de imediato, ela fica em segundo plano, pois Deus seria o foco principal.

No pensamento e teoria de Agostinho (2017), o conhecer de Deus é ligado a memória. Nesse sentido, ele investiga a natureza de Deus e a relação que tinha com a faculdade de conhecer o indivíduo que o busca. Assim, ele interroga, em uma de suas passagens alegóricas a matéria e os conteúdos voltados a sensibilidade.

Nesse sentido, Agostinho (2017) em uma de suas narrativas sobre a matéria e os conteúdos da sensibilidade comenta que ao perguntar ao mar, aos abismos, a terra, e aos répteis animados ou vivos e escutar que não são seu Deus, mandaram-lhe olhar para cima, ele questionou ao vento, ao ar e seus habitantes, que disseram a ele estar enganado, ainda perguntou ao sol, a lua, as estrelas, ao não ter resposta, pedi para que falassem algo do seu Deus, então falaram com alarido, Foi Ele quem nos criou.

Após compreender que Deus não se encontrava na matéria nem nos conteúdos sensíveis, ele mesmo questiona-se: E tu, quem és? (AGOSTINHO, 2017). Ele responde que é um homem, ao qual lhe servem um corpo e uma alma, o corpo é exterior, e a alma interior, sendo que dessas substâncias, a que ele deveria questionar sobre quem é meu Deus seria a parte interior, pois ela é mensageira do corpo para as respostas da terra, céu e das demais coisas existentes neles.

Aqui é possível verificar, como pontua Maia (2019), uma exteriorização dos sentidos para a interiorização da alma, ou seja, um deslocamento do sentido externo pelo interno, além de uma separação entre o corpo e a alma. Agostinho acreditava que existia uma validação maior da alma sobre o corpo, por isso os sentidos seriam uma ferramenta usada pela alma para conhecer o mundo material e não pode ser considerado como o lugar em que o conhecimento de Deus se limita a ser buscado.

O corpo é, portanto, a base dos sentidos, sendo ele passivo e um veículo para que a alma faça uso dela realizando determinada sensação. Já a alma é ativa, usando o corpo para produzir sensação, ou seja, conhecimento. Maia (2019) considera que o conhecimento sensível seja construído pela alma, o qual também pode ser encontrado nos animais, como pontua e já foi destacado anteriormente por Agostinho.

De acordo com Agostinho (2017), esse corpo e vida não são com e na qual se encontra Deus, visto que se assim fosse, o cavalo e a mula também o encontrariam, sendo assim, essa forma precisa ser ultrapassada para que esse encontro ocorresse. Ademais, Agostinho realizou um estudo detalhado sobre sua investigação inicial, sendo conduzido até os palácios da memória, a qual é considerada, como destaca Maia (2019), como o receptáculo em que se armazenam as imagens sensíveis, capturadas pela alma por meio do corpo.

Segundo Peres (2017), Agostinho costumava usar a palavra *animus* para descrever toda a alma humana, que é composta de mente e alma, assim, somente os humanos têm *animus*. A palavra *anima* (alma) é uma palavra muito geral. Estabelece o sistema de animação do corpo, assim como a capacidade de ser sensível e natural, assim, tanto o homem como os animais possuem *anima*.

Deste modo, para Agostinho, alma, no sentido mais amplo e fundamental, é a vida nas coisas. Assim, mostra o conceito de alma como o sopro da vida ou o princípio da vida. Os vivos têm vida e são animados, os não-vivos não têm alma e são sem vida (PERES, 2017).

Referindo-se a esse **eu** como o conhecemos, Agostinho pontua na obra *A Trindade*, que ela usa a palavra alma, mas mente. Ao manter a palavra mente em relação à autoconsciência, ele manterá a antiga definição de alma como um princípio essencial. Assim, Agostinho poderia dizer que os animais também possuem alma, desde que sejam dotados de um princípio vital. No entanto, mesmo tendo uma alma, eles não têm um **eu** que possa funcionar normalmente, ou seja, conhecedor de seu próprio conhecimento.

Com isso, destaca Peres (2017) que Agostinho acreditava que os animais, por não terem inteligência, conhecem apenas fatos lógicos, distinguem entre o que é útil e o que é prejudicial, mas desconhecem o conhecimento que têm sobre eles, ou seja, das verdades lógicas. Uma das consequências disso é que os animais não têm padrões morais oque não acontece com os humanos.

Como explica Peres (2017), por meio da aparência da inteligência, uma pessoa pode olhar para dentro de si e refletir sobre suas atividades mentais, de modo que tem o direito de entrar em si mesma, e realizar uma comparação com o acesso que tem ao mundo. Uma vez que saibamos com certeza o que queremos e desejamos, podemos nos julgar em termos de nós mesmos. Portanto, a capacidade de pensar da mente é a condição para a capacidade de nossa vida virtuosa.

Para Costa (2019), quando fala sobre a natureza da alma, Agostinho aponta a dificuldade de saber o que ela é, e mostra claramente o que ela não pode ser. Evita conclusões únicas, mas avança a análise de sua origem pelos meios mais adequados - eliminando as menores possibilidades. A problemática da alma se coloca da seguinte forma: como entender o que constitui a alma quando ela se apresenta como o sopro de vida que respira uma pessoa? Afinal, a alma é o que proporciona às pessoas pensamentos, emoções, motivação, desejo, recordação, entre outras infinitudes de eficiência, anima e dá possibilidade de ações voluntárias no homem.

Ademais, o ato de soprar consiste em inspirar e expirar o ar que está fora do corpo. Portanto, golpe não inclui o que vem de quem o faz. A respiração divina não consistirá em rotação da matéria, mas em movimento. Portanto, Agostinho entendeu que o **espírito divino** pode ser entendido como a própria alma, o que não significa que seja uma parte do Criador, mas que poderia ter sido (COSTA, 2019).

Como a alma não pode vir do próprio divino, ela não pode vir das coisas que existem agora na terra. E ele não pode trazê-lo para o homem. Consideramos necessário apresentar três argumentos apresentados por Agostinho na tentativa de refutar a ideia de que a alma deriva das coisas físicas.

É possível afirmar, a partir das observações e análises já realizadas, que a alma foi um dos problemas que mais chamou a atenção de Agostinho, por isso ele defendia que era uma substância particular da razão baseada na governança de um corpo, como menciona Strefling (2014), a alma não conta com uma partícula corporal, porém é grande. Ademais, existem sete graus para a alma realizar sua atividade, que são sensação, animação, arte, tranquilidade, ingresso, contemplação e virtude.

Quanto ao grau de ascensão da alma, Agostinho considera que a prática da alma purifica-se moralmente, em prol do olhar para a verdade e, por fim, refletir sobre ela. Strefling (2014) aponta que em relação ao último nível ou grau da alma, Agostinho mencionou, pela primeira vez em seus escritos, a ressurreição do corpo. O filósofo africano argumenta que, apesar da alma não ser o que Deus é, não há nada mais próximo de Deus do que a alma humana: nesse sentido, a alma é como um anjo.

No primeiro grau a alma anima o corpo *animatio*, a ação inicial da alma é usar o corpo, no sentido de primeiro grau, a alma é entendida como o princípio vivificante do corpo, que proporciona unidade, harmonia e igualdade. A alma anima o corpo, portanto, não se pode pensar em corpo ou vida vivificada ou bem animado ou vivo, sem reconhecer o elemento ou parte da cultura chamada alma (STREFLING, 2014). Nesse sentido Agostinho explica o seguinte:

Contudo, permite-me que te cerceie a grandíssima e infinita esperança, para não pensares que falarei de todas as almas, mas falarei apenas da humana, a única de que devemos cuidar, se cuidarmos de nós mesmos. Por isso, primeiramente, o que qualquer pessoa pode compreender: a alma humana dá vida a este corpo terreno e mortal com sua presença, dá-lhe unidade e o conserva na unidade, não lhe permite desagregar-se e diluir-se, faz com que o alimento se distribua de modo uniforme a todos os membros, fornece a cada um o que é seu, preserva sua harmonia e proporção, não somente quanto à beleza, mas também quanto ao crescimento e à procriação (AGOSTINHO, 2008, p. 339).

Desse modo, pode-se questionar o que seria o homem nesse sentido, Agostinho acredita que uma pessoa é composta de uma alma e um corpo. A resposta sustenta a alma conduzindo o corpo, como um cavaleiro conduz sua cavalaria. Portanto, ele descreve a alma como a razão que guia o corpo e o racional que usa o corpo humano mortal e terreno.

Quando Agostinho perguntou-se a alma é um elemento quantitativo, ele não destacou à sua latitude ou longitude, mas ao seu poder, e a resposta é uma explicação sutil da alma ascendida para refletir, mas através de cada um dos graus, vemos o centro e todos os seus pensamentos. Strefling (2014) aponta que na concepção de Agostinho, a alma vai contra o corpo, pois todo corpo é algo que se estende, largo e alto. O corpo, por conter longitude, latitude e profundidade, se estende, mas não se encontra com a alma; isso não quer dizer que a alma, por não ter amplitude, não seja uma coisa: do mesmo modo que a justiça não pode ser pensada como algo amplo ou elevado. A alma fora de todo escopo.

E razão da relação com o corpo, muitas vezes pensamos nela assim, embora não seja necessariamente um corpo físico, como é, por exemplo, em nossos sonhos, que vemos perfeitamente semelhante ao corpo, mas que, na verdade, não é corpo, nem extensão, pois é apenas a alma, que sente e guarda na memória (STREFLING, 2014).

Desse modo, é possível afirmar que a alma pode ser encontrada em todo o corpo, achando-se como atividade vivificante, de modo que se vê inteira em todas as partes do corpo. Além disso, segundo Strefling (2014), a alma cresce com o tempo, ela progride, pois, está em harmonia com o que lhe faz bem, ou seja, ela progride quando tem mais força para obrar, quando não possui essa força que a nutra, pode tender ao supérfluo e retroceder, limitando-se aos sentidos e os consome sem crescer.

Focando no segundo grau, o qual é em relação a alma sentir através dos sentidos, Strefling (2014) explica que Agostinho considerava a sensação uma atividade feita pela alma usando o corpo, por meio dos sentidos é possível obter o conhecimento sensitivo dos odores, cores, sabores, tato e sons. A alma é superior, tem poder sobre o corpo e é por meio do sentido físico que realiza a obra do conhecimento.

Neste trabalho da alma, ainda estamos no nível dos animais, que se reduz ao estudo das emoções e sensações. Da mera evidência da existência de influências externas, passamos a descobrir o que é a própria influência. Em primeiro lugar, Agostinho define a emoção ou sensação como a compreensão da alma que o corpo experimenta. No entanto, a realidade das emoções não é do corpo, mas da alma. É uma alma senciente, mas funciona apenas através da mente e dos sentidos (STREFLING, 2014).

Ademais, de acordo com Strefling (2014), o Bispo de Hipona lembra que quando olhamos para algo, vemos o que vemos, porém, não estamos no que vemos, vemos onde não estamos, porque e, se assim não for, nos encontraremos no que vemos. Portanto, é importante que sintamos o lugar onde não estamos, pois, a alma é superior a todo pensamento e é a responsável por sentir.

Partindo para o terceiro grau, trata-se da alma raciocinando e produzindo *ars*, o potencial da alma de criar e compreender a ciência corresponde ao terceiro grau, em que entramos no domínio da humanidade, o mundo das coisas obtidas pela observação e preservadas pela memória. As artes liberais serão o exercício da alma, por meio do qual muitos dos eleitos alcançarão a visão de Deus. A passagem do corpóreo ao incorpóreo é apresentada no *De ordine*, mas é somente no *De musica* que Agostinho aborda esse tema. Em relação a esse grau Agostinho pontua que:

Ergue-te, agora, ao terceiro grau, o qual é próprio do ser humano, e pensa na memória das inumeráveis coisas, das inveteradas pelo hábito, mas gravadas e retidas pela reflexão e pelos sinais, em tantas obras de artistas, no cultivo dos campos, na construção de cidades, nas variadas maravilhas de inúmeros edifícios e monumentos, na descoberta de tantos sinais nas letras [...] em tantas coisas novas, em tantas restauradas [...] no poder do raciocínio e da investigação [...] na perícia da arte musical, na precisão das medidas, na ciência dos cálculos, na interpretação do passado e do futuro pelo presente. São grandes essas realidades e exclusivamente humanas. Mas ainda são

comuns a doutos e rudes, a bons e maus (AGOSTINHO, 2008, p. 341).

Strefling (2014) acrescenta que a alma, por meio da lógica e da ciência, procura separar-se dos sentidos do corpo, pois ambos são superiores ao sentido. A alma, neste momento, começa a desfrutar interiormente, caso contrário, se a alma depende da mente, ela trai sua natureza e faz o homem parecer um animal sem sentido.

O quarto grau é voltado a purificação da alma e aperfeiçoamento (*virtus*), esse grau é responsável por caracterizar o que é do próprio ser humano, que é a capacidade de ser virtuoso e possuir a possibilidade de elevar-se por meio de sua natureza. Claramente, isso deve ser entendido do ponto de vista da antropologia agostiniana, ou seja, que o homem é a imagem de Deus. Portanto, sua compreensão só pode fazer com que a alma se esforce para ser a imagem que é, e nada mais. Claramente, esse grau deve ser entendido do ponto de vista da antropologia agostiniana, ou seja, que o homem é a imagem de Deus, portanto, sua compreensão só pode fazer com que a alma se esforce para ser a imagem que é, e nada mais (STREFLING, 2014).

Ademais, a virtude é uma forma de estabelecer ordem no comportamento humano, conduzindo-o aos seus devidos objetivos finais. Isso é realizado, de acordo com Agostinho, por meio do uso da razão. Strefling (2014) menciona que Agostinho considera que para converter-se, ou seja, revestir-se de um novo homem, morrer e renascer para Deus, é preciso reintegrar em nós a imagem de Deus, dizer que nos transformamos à sua imagem.

Em consequência desse ato não se deve amar nada mais do que essa imagem de Deus, trabalho considerado árduo e com várias interrupções, assim, a alma não pode sozinha realizar esse trabalho, desse modo ela precisa do auxílio Daquele ao qual busca doar-se (Deus). Strefling (2014) explica que à medida que a alma passa por esse estágio, querendo ascender, ela começa a ganhar valor, e a pessoa terá o impulso de direcionar o amor e ver o que deve amar.

Agostinho considera que não é possível existir virtude sem o amor que permita ser cumprido os mandamentos de Deus. O amor é incondicional. Se amamos, temos a capacidade de fazer o que queremos, porque queremos

apenas o que Deus quer. A alma, nessa situação, começa a se colocar diante de seu corpo, no controle dele, e diante do próprio universo, e começa a olhar para os bens do universo como se não fossem seus e aprende a refletir na beleza da imagem que ela mesma é. Como é pontuado a seguir:

Portanto, passa e salta para o quarto grau, no qual começam a bondade e todo louvor verdadeiro. Eis por que a alma se atreve a se antepor não somente a seu corpo, se ele considera se uma parte do universo, mas também ao próprio universo, a não considerar os bens do universo como seus, a discernir e desprezá-los ao compará-los ao seu poder e à sua beleza. Daí que, quanto mais se compraz em seus bens, mais se distancia das imundícies e se purifica toda e se torna cada vez mais pura e ataviada; fortifica-se contra todas as adversidades que intentam demovê-la de seu alvo e de seus projetos; mostra grande apreço pela sociedade humana e nada quer que aconteça ao outro do que não quer para si; obedece à autoridade e aos preceitos dos sábios e acredita que Deus lhe fala por meio deles.[...] Contudo a alma é tão grande que pode levar avante essas medidas com a ajuda da justiça do sumo e verdadeiro Deus, com a qual ele conserva e governa este mundo. Com a mesma justiça faz também com que não somente existam as coisas, mas existam de tal modo que não pode haver nada melhor. A ele a alma se entrega com piedade e confiança para ser ajudada e aperfeiçoada nessa tão difícil tarefa de sua purificação (AGOSTINHO, 2008, p. 341-343).

O quinto grau é quando a alma adquire tranquilidade (*tranquillitas*), segundo Strefling (2014) esse grau é quando o homem realiza a conversão da alma para Deus, não sobra o que manter no estado de pureza, pois esta já habita nele e lhe garante tranquilidade. A alma encontra um pouco de paz, torna-se como um cristal e pronta para continuar sua jornada na verdade, na felicidade.

Para Agostinho, libertando a alma de todo mal, ela se regozija em si mesma e não teme nada, nem se aflige por nada. Antes ele queria pureza, agora ele a tem; antes disso, ele começou a fazer coisas para se limpar, agora ele está tentando não manchar-se novamente. Estando neste estado de paz e poder, a alma conhece sua verdadeira grandeza, por isso se volta para Deus com plena confiança (STREFLING, 2014). Com isso se afirma que:

Quando a alma se libertar de toda imperfeição e estiver limpa de todas as manchas, então, finalmente, se mantém alegremente em si mesma e nada teme absolutamente para si e não se angustia por nenhum motivo. Portanto, este é o quinto grau. Uma coisa, porém, é realizar a purificação, e outra, manter-se na pureza; e uma é a ação com a qual se renova, estando manchada, e outra, a ação pela qual não consente em se manchar novamente. Neste grau ela percebe

sob todos os aspectos o quanto é grande. Quando a percebe, então se dirige para Deus com confiança de certo modo imensa e incrível, ou seja, para a contemplação da verdade e para aquele altíssimo e deveras misterioso prêmio pelo qual tanto se esforçou (AGOSTINHO, 2008, p. 343).

Portanto, neste grau, a alma pensa em Deus, fala no sentido de refletir sobre a verdade, e sinal de coragem, sentindo-se próxima da alta e profunda recompensa da qual muito trabalha, encontra a paz de espírito. O que é possível, pois a alma não encontra-se impedida ou tentada pelo desordenados apetites humanos, desse modo, a alma se encontra sossegada, sendo quando empreende sua união com Deus.

A alma ao conduzir à retidão *ingressio* é o sexto grau, em que a alma volta seu olhar a Deus e se entrega a luz, que só pode ser contemplado pelos corações puros, esse momento é considerado intermediário, assim, ainda não é possível verificar uma paz plena, apesar de ser o ponto mais próximo do fim desejado. Strefling (2014) ressalta que a alma sente o desejo do grau excelente e verdadeiro, com isso, é um aspecto da alma que não busca um reconhecimento melhor.

Strefling (2014) explica que no quarto grau, a alma é purificada com o intuito de ser afastada do mal, já no quinto grau a alma consegue chegar a pureza, fazendo com que ela seja fortalecida e conservada para que posteriormente, no grau sexto, seja lançado sobre ela mesma e com retidão se olhe, como também com serenidade para o que almeja ver.

Então a alma chega no seu sétimo grau, em que completa a verdade *contemplatio*, de acordo com Strefling (2014), o sétimo grau não existe de fato, pois não é transitório, ele é um ponto de chegada ao qual os demais graus levam. Este último degrau é o fim desejado, é a meta do sexto degrau *ingressio* conduzido a alma, ou seja, a morada celestial. Este fim é o próprio Deus, toda sabedoria e verdade. Não é mais um caminho para a verdade, mas é o mesmo que ver ou meditar na verdade.

4 ILUMINAÇÃO

Entre os pensadores medievais, o filósofo foi de longe o mais platônico. O dualismo platônico é forte em sua teoria, as no pensamento da iluminação divina o contraste entre o reino dos sentidos e a verdade imutável se torna mais aparente, nesse sentido, a alma é eterna e tem acesso à verdade imutável, o maior problema é que o corpo, e suas emoções, são dispersos e imperfeitos. Como em Platão, no ensinamento agostiniano, a alma tem mais poder que o corpo.

O homem, através de seu espírito pode ter um senso de verdade, do qual vem a prova da existência de Deus para o autor, pois se até o nosso povo imperfeito pode ter noção da verdade, é porque existe uma verdade perfeita que ilumina o nosso espírito. Assim como o sol dá luz ao mundo, Deus ilumina o espírito humano para alcançar a verdade. Para Agostinho, todo conhecimento vem da graça de Deus, até mesmo um ateu pode obter a verdade por meio da graça do altíssimo (GILSON, 2006).

Assim, Gilson (2006) considera que a Teoria da Iluminação é utilizada diante da complexidade da compreensão do mestre interior. Tal descoberta filosófica é tão comum no pensamento de Santo Agostinho que sua doutrina do conhecimento é frequentemente chamada de doutrina da iluminação divina. Na qual, pensa-se que o ato da mente que conhece a verdade é semelhante ao ato do olho que vê o corpo, ou seja, assim como o sol é a fonte da luz que faz com que as coisas sejam vistas, assim é Deus, é a luz espiritual que faz o conhecimento aparecer no pensamento.

No entanto, é importante destacar que Deus é luz e o resto é apenas a forma de luz figurada, desse modo, o exemplo do sol usada é uma imitação sensível da inteligibilidade divina. Gilson (2006) pontua que não basta dizer que Deus é luz, é preciso dizer que apenas Ele é essencialmente luz, indo além da luz do sol que ilumina os seres humanos e que é uma imitação da inteligibilidade do divino.

Nesse sentido, a teoria da iluminação é o acesso ao conhecimento. Portanto, é somente através do autoconhecimento que a verdade pode ser conhecida, já que a verdade vive escondida em cada pessoa, e quem ensina é Deus, por meio do mestre interior. Segundo Silva; Silva (2021), um dos fatores

da Teoria da Iluminação é a vontade, assim, a alma deve se adequar as qualidades do que tenta aderir de forma moral, por isso Agostinho explica que:

Mas a alma racional, dentre as coisas que foram criadas por Deus, se sobressai a todas, e é a mais próxima dele quando é pura; e, à medida que a ele adere por amor (por ele iluminada e, por assim dizer, atravessada com uma luz inteligível), ela discerne - não com olhos corporais, mas com o olho primeiro que lhe é próprio, pelo qual se sobressai, isto é, com sua própria inteligência - essas razões, em cuja visão obtém a felicidade suprema (AGOSTINHO, 1996, p. 2).

Ademais, a felicidade que vem da compreensão dos pensamentos, da compreensão da ordem do mundo e da vida através de ferramentas puras vindas do amor do Criador, determinado pelos pensamentos das pessoas. Ele se purificará com boas razões e ações para que a obra de Deus chegue ao fim e, no final, seja concluída com sucesso.

Quando a alma racional se une a Deus no amor, ela brilha através da Luz e vê pensamentos. É uma visão adequada ao propósito e ao coração, porque dá conhecimento e amor elevados e profundos. Para Agostinho (2017), a altura e a profundidade do conhecimento da forma pura vêm conforme a vontade de Deus, mas cabe ao homem seguir os princípios bíblicos para purificar o coração para ver a verdade.

Quando a alma é sábia, feliz e perfeita nada se interpõe entre ela e Deus, neste estado, ele recebe ajuda imediata intrínseca e incorpórea da eternidade, verdade e misericórdia, na qual nenhuma criatura intervém. Desse modo, ajuda de Deus funciona como o espírito que proporciona iluminação ao homem, e como a luz física torna as coisas visíveis, a luz de Deus impõe a visão da verdade imutável e a alegria da sabedoria, julgada pela alma. Referindo-se à boa condição do homem, Agostinho adotou como exemplo Adão e Eva antes do pecado e, portanto, sem limites:

Com efeito, provavelmente Deus falava com eles de modo intrínseco ou de outros modos, dizíveis ou indizíveis (*uel effabilibus uel ineffabilibus*), assim como fala também com os anjos iluminando suas mentes com a própria Verdade imutável, onde intelecto é conhecer simultaneamente tudo que não ocorre simultaneamente através do tempo (AGOSTINHO, 2005, p. 43).

Podemos dizer que Deus se comunica com os humanos por meio da natureza e por meio de sinais que suas mentes entenderam. Por outro lado, de forma inexplicável, o homem foi iluminado com a eterna sabedoria do Filho **a imutável luz do Verbo**. O impulso oculto e incessante, o fogo que faz o homem uma criatura mutável, convida-o a continuar a guiá-lo no caminho pleno, que é a sabedoria e a felicidade (SILVA; SILVA, 2021).

No entanto, a razão não é a verdade, o conhecimento. Da fé vem a luz que conduz à verdade, a luz divina, que faz a mediação entre a verdade universal e a interna. Portanto, podemos dizer de acordo com Silva; Silva (2021) que foi por meio das perguntas que Santo Agostinho chegou a iluminação e autoconfiança como sujeito do desejo e o estudo da sexualidade proposto por Foucault ganhou um novo sentido.

Paz (2017) também colabora com a compreensão da teoria da iluminação de Agostinho, para ele um texto que trata muito sobre o estudo da iluminação, o qual se encontra no livro A Trindade, no qual mostra o seguinte:

Assim, é preferível acreditar que a natureza da alma intelectual foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo sua natureza, e tendo assim disposto o Criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea de sua própria natureza. Assim acontece com o olho do corpo que vê os objetos que o cercam na luz natural, pois pode-se acomodar a essa luz, já que para ela foi feito (PERES, 2018, p. 6).

Agostinho, novamente, insiste que conhecer as verdades que não são baseadas em emoções é propriedade natural da alma, enquanto essas verdades brilham, a alma as vê. Nesta passagem de A Trindade Agostinho (2017) mais uma vez volta a iluminação da verdade intelectual para a iluminação necessária para que os olhos vejam as coisas do mundo físico. Assim, a iluminação é um processo natural e tem como mostrar a luz do olho da alma, voltando-se a encontrar as verdades intelectuais. A iluminação deve ser comparada com a luz do sol, como já destacado anteriormente.

É importante notar aqui que, no exemplo da iluminação, a luz é diferente das coisas que ela ilumina, assim como Deus é diferente da verdade, ou seja, o medo da verdade da mente humana. Aqui, estamos falando de Deus como o poder que dá luz, que dá luz à verdade. Nesse sentido, Agostinho pontua que:

Na classe das visões intelectuais, há algumas que se vêm na alma, como, por exemplo, as virtudes contrárias aos vícios, seja as que permanecerão, como a piedade, seja as úteis para esta vida e que depois não existirão, como a fé pela qual cremos o que ainda não vemos, e a esperança pela qual esperamos com paciência as coisas futuras, e a própria paciência pela qual suportamos todas as adversidades, até chegarmos aonde queremos. Estas e outras virtudes semelhantes, que agora são muito necessárias para passar esta vida peregrina, não serão necessárias naquela vida, para cuja consecução são necessárias. Estas virtudes se vêm intelectualmente, pois não são corpos ou não têm formas semelhantes aos corpos. Não obstante, uma coisa é o que se vê na alma, outra coisa é a luz que ilumina a alma para que possa contemplar em si ou em outro todas as coisas entendidas de acordo com a verdade; pois a luz é o próprio Deus, mas a inteligência é uma criatura, embora racional e intelectual, criada à imagem divina, a qual, quando intenta contemplar essa luz, agita-se em sua fraqueza e se torna menos capaz. Daí o fato de que ela entende conforme pode. Portanto, quando é arrebatada e, alienada dos sentidos carnis, apresenta-se a essa visão mais claramente, não em espaços locais, mas de acordo com uma certa maneira sua, e assim vê sobre si mesma aquela luz, com cuja ajuda vê tudo o que entendendo vê em si mesma (PAZ, 2017, p. 99).

Por meio dessa citação Agostinho está mencionando, sobre o medo da virtude, mas parece que pode ser aplicado o mesmo método que mantém a forma e a verdade necessárias. O Bispo de Hipona diz que a razão é superior (*ratio superior*), ou seja, que o intelecto, percebe o tipo que é importante e a verdade o tipo de olho que tem o entendimento que o merece. Assim, ele também destaca que o iluminador, que é Deus, pode ser igualado a verdade adquirida no processo de iluminação, portanto, não só apenas as verdades são iluminadas, Agostinho (2017) considera que a própria mente precisa de iluminação para enxergar verdades assim demonstrando:

Eis que a Trindade, que tu és, meu Deus, se manifesta a mim por enigma, pois tu, Pai, fizeste céu e terra no princípio de nossa sabedoria, que é tua Sabedoria, nascida de ti, igual a ti e coeterna, isto é, no teu Filho. E já falamos muito do céu do céu e da terra invisível e desordenada e do abismo tenebroso que remete à deliquescência errática em que permaneceria o informe espiritual, se não se convertesse àquele do qual recebia a vida, qualquer que fosse, e não se tornasse pela iluminação uma vida formosa e fosse o céu daquele céu que foi feito posteriormente, entre água e água.¹⁴ Eu já encontrava o Pai na palavra Deus, que fez isso, e o Filho, na palavra Princípio, no qual fez isso, e crendo, como cria, que meu Deus é Trindade, a buscava em seus escritos sagrados, e eis: teu espírito pairava sobre as águas; eis a Trindade, o meu Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, Criador do universo (AGOSTINHO, 2017, p. 267).

Nesse sentido, Agostinho (2017) destaca que ao se aproximar desta luz verídica, como chama a iluminação em um determinado momento, consegue dissipar as trevas e não se alimenta mais de ensinamentos vazios. Em outro momento ele questiona: quem entenderá a Trindade onipotente? Visto que ele ressalta que poucas almas ao tocarem nesse assunto, sabem realmente do que se trata, já que ela é diferente da anterior, mas quando ele a menciona, é para que os demais sintam quão distantes elas são.

Agostinho (2017) se refere a seguinte Trindade: ser, conhecer e querer. Para explicar vejamos sua explicação a seguir: “Eu sou e sei e quero; sou um ser que sabe e quer; e sei que sou e quero; e quero ser e saber” (AGOSTINHO, 2017, p. 270). A vida se encontra nessa tríade, já que nela só existe uma vida, uma mente e uma essência.

Ademais, Agostinho (2017) pontua que quando o homem é renovado na mente e contempla a verdade no intelecto vindo dessa Trindade, ele já é capaz de ver a Trindade da Unidade ou a Unidade da Trindade. Sendo assim, o homem é renovado nesse conhecimento, e o único que tem o direito de julgar é o mesmo que não é julgado por ninguém. O ser humano, quando é mencionado sobre julgar a respeito de tudo, está se referindo aos peixes, as aves, os gados e feras da terra e os seres rastejantes, ele age através da inteligência da mente, compreendendo o que é do Espírito de Deus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar que Santo Agostinho entendeu que para possuir a capacidade de ver verdades inteligíveis, basta dirigi-las na direção certa, ou seja, para o mundo da alma. O interior é, portanto, o lugar no qual a esfera do entendimento é dada à informação. Embora toda a beleza e perfeição da ordem cósmica criada por Deus possam ser vistas, o conhecimento das verdades eternas vem através da interioridade consciente.

Com isso, é possível verificar que a teoria da iluminação divina tem um caráter verdadeiramente cristão e inovador, pois contém conceitos essenciais não concebidos anteriormente pelos gregos e seus discípulos. Para Agostinho, o interior é o lugar de encontro com a verdade e com Deus e a fonte desse encontro, o centro do conhecimento, é transcendente, o que faz com que a alma busque em si uma força maior que ela mesma.

Desse modo, foi possível responder à pergunta norteadora: como a fonte do conhecimento pode ser a interioridade defendida por Santo Agostinho? Assim, para ele, a verdade não é oferecida ao indivíduo pelo **mestre externo** ou pelo professor humano, e sim pelo **mestre interior** como uma bênção concedida a ele.

Como já apresentado nesse texto, não há aprendizagem sem a intervenção do professor interior que, para além de ser o único que realmente ensina, é também o único disponível e permanentemente acessível para todos. Ademais, o mestre humano só precisa cumprir efetivamente seus deveres, o que não significa necessariamente ensinar seu aluno corretamente, mas orientá-lo com todo o cuidado e atenção possível para encontrar seu conhecimento interior e consequentemente identificar a verdade.

Com isso, foi possível alcançar o objetivo geral, o qual era compreender a interioridade usada por Santo Agostinho relacionado à fonte de conhecimento. Para tanto, foram usados os seguintes objetivos específicos: entender o mestre interior e o conceito de interioridade; verificar o processo de conhecimento da alma humana; e analisar o conceito de iluminação presente na interioridade como fonte de conhecimento. Dentro disso foi verificado que por meio do estudo qualitativo desenvolvido pode-se perceber que o mestre interior é essencial para o conhecimento da alma e iluminação.

Ao se tratar do primeiro passo no campo acadêmico, esse presente trabalho não conclui-se apenas no itinerário disposto nessa redação, mais é portanto, ainda, uma abertura para futuros estudo de maior aprofundamento sobre a temática apresentada.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos. A Ordem. A Grandeza da Alma. O Mestre.** Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

_____, Santo. **A Cidade de Deus.** v. I. Tradução de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Goulbekian, 1996.

_____, Santo. Comentário Literal ao Gênesis. In: **Comentário ao Gênesis.** v. 21. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005. p.15-498 (Coleção Patrística).

_____, Santo. **Confissões de Santo Agostinho.** São Paulo: Penguin-Companhia, 2017.

_____, Santo. **O livre-Arbítrio.** Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2. ed. v. 8. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).

COSTA, Daiane Rodrigues. **Autoformação como cultivo da vontade:** uma perspectiva a partir do homem interior em Agostinho de Hipona. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://secure.upf.br/pdf/2019DaianeRodriguesCosta.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. A relação corpo-alma no homem, segundo Santo Agostinho: dualismo ou unidade substancial? **Enrahonar**, Bellaterra, *Supplement Issue*, p. 185-204, 2018. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/enrahonar/enrahonar_a2018nsupissue/enrahonar_a2018nSupplp185.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho.** Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

HATT, Christina. Santo Agostinho: o homem interior, a descoberta da interioridade. **Seareiro**, Campo Belo, n. 141, p. 14-16, set./out. 2015. Disponível em: <https://www.searabendita.org.br/datafiles/revistas/141-filosofia.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2023.

MAIA, Renan Pires. Memória e distinção entre alma e corpo em Santo Agostinho e Bergson. **AUFKLARUNG**, João Pessoa, v. 6, n. 3, set.-dez., 2019, p. 75-84. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/arf/article/view/49244/29020>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PAZ, Fabiano Ricardo. **Conhecimento e iluminação em Agostinho.** 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/30985/1/2017_FabianoRicardoPaz.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PEREIRA, Diego Fragoso. **Verbum Interior em Agostinho de Hipona**: um estudo sobre a genealogia do conceito. 2017. 228 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/168937/001047099.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PERES, Sávio Passafaro. O espírito como realidade íntima em Santo Agostinho. **Memorandum**, v. 32, 2017, p. 98-112. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6449/4036/21479>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

PERES, Sávio Passafaro. Santo Agostinho e a fenomenologia: conceito de atenção. **Phenomenological Studies**: Revista da Abordagem Gestáltica, ano XXIV, Especial, p. 438-448, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v24nspe/v24nspea04.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

RIBEIRO, Cesar Leandro. **A interioridade no pensamento de Santo Agostinho**. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/266425099/A-Interioridade-Em-Santo-Agostinho#>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

RODRIGUES, Taís Palú. A alma em Santo Agostinho. **Revista Contemplação**, n. 18, p.114-133, 2019. Disponível em: <<https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/download/188/207>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

SILVA, Ana Paula Marcelino da; SILVA, Vitória Luanna Lima **Da teoria da iluminação em Santo Agostinho ao sujeito de desejo em Foucault**. In: IV Colóquio Internacional Estética e Existência, 2021, João Pessoa, PB. Disponível em: <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-f71499408f818cb23235811afacd96e8e551de1c-arquivo.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SILVA, Vitoria Luana de Lima e. **A regra da nomeação e a regra da comunicação: os limites da linguagem segundo o de Magistro de Santo Agostinho**. 2021. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21975/1/TCC%20Vitoria%20-%20correcao%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

STREFLING, Sérgio Ricardo. Os sete graus de atividade da alma humana no *de quantitate animae* de Santo Agostinho. **Trans/Form/Ação**: Revista de Filosofia da Unesp, Marília, v. 37, n. 3, p. 179-200, set./dez. 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/trans/a/f78rJf53w3qQ5cS3RJvDBxf/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

VICENTE, José João Neves Barbosa; PINTO, Ana Kelly Ferreira Souto. Comentários introdutórios sobre os aspectos pedagógicos do pensamento de Santo Agostinho. **KÍNESIS**: Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, v. 13, n. 35, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/12729>>. Acesso em: 21 abr. 2023.